

LICENCIATURA: PARA ALÉM DA SALA DE AULA¹

Carla Maria Nogueira de Carvalho²
Mara Lúcia Rodrigues Costa³

RESUMO

O presente trabalho relata pesquisa desenvolvida nos cursos de licenciatura da Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG que, a partir do olhar dos egressos, investigou a ontologia do ser social, abrangendo a relação entre as categorias formação, vida e trabalho. Pesquisou-se os seguintes cursos de licenciatura: Pedagogia, História, Letras, Ciências Biológicas, Matemática, Educação Física e Física, pertencentes as Unidades de Barbacena, Campanha, Ibitité e Passos. O objetivo foi analisar, a partir do olhar dos egressos, a ontologia do ser social, relacionando a formação vivenciada, o trabalho e a qualidade da vida cotidiana, bem como identificar em que medida as licenciaturas contribuem para a emancipação do ser social. Nessa direção, a metodologia de pesquisa, de abordagem quali-quanti e de característica interpretativa, utilizou de questionário para a coleta de dados contemplando três dimensões: a primeira, cuja finalidade foi buscar identificar o perfil sócio demográfico e econômico e aspectos relacionados à formação e atuação profissional; a segunda, para identificar as principais motivações para entrada na licenciatura e qual o grau de satisfação em relação a ela; a terceira, para verificar qual a percepção em relação à melhoria da qualidade de vida após a conclusão da graduação e inserção no mercado de trabalho. Posteriormente, os dados foram categorizados e analisados dentro de uma perspectiva hermenêutico-crítica. Os resultados permitiram inferir que não é possível conceber o ser social como um elemento descolado da materialidade da vida. Porém, trata-se de um todo complexo e em movimento, interligando as esferas afetiva, política, econômica e social. A categoria trabalho e a formação objetivam a satisfação das necessidades humanas e, assim, caminham na direção da sua humanização. No entanto, percebeu-se que o trabalho remete sempre para além de si mesmo possibilitando a criação permanente do novo e, nessa lógica, a clareza de que a licenciatura é primeiramente ontológica e não epistemológica.

Palavras-chave: Ontologia, Licenciatura, Egresso, Formação, Trabalho.

INTRODUÇÃO

Há muito tem-se a percepção de certa ofensiva na direção da contínua desconstrução cotidiana de importantes bandeiras de trabalhadores, entre eles os docentes – classe trabalhadora que forma o ser e tem como base de seu ofício promover a leitura e o entendimento do funcionamento do mundo. Diante disso, considera-se imperativo uma investigação com os egressos das licenciaturas para além da atuação em sala de aula, pois a vida cotidiana, a ciência e a religião (teologia incluída) de uma época, de acordo com Lukács (2012), formam um

¹ Pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa -PAPQ/UEMG; Edital 01/2022

² Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG-Campanha; carla.carvalho@uemg.br

³ Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade do estado de Minas Gerais – UEMG-Barbacena; mara.costa@uemg.br

complexo interdependente e contraditório, cuja unidade muitas vezes permanece inconsciente. Portanto, frente ao exposto, indaga-se: em que medida os cursos de licenciatura contribuem para a emancipação do ser social? Seus egressos encontram-se em melhores condições de vida? As condições materiais determinaram sua formação e suas relações sociais?

Segundo Tonet (2013), a identificação do trabalho como uma categoria fundante do ser social permite, de modo especial, compreender diversas possibilidades e também limites da educação no processo de sua autoconstrução em meio às diversas crises enfrentadas atualmente pela humanidade; essa constatação seria suficiente para justificar o interesse em adotar tal categoria na análise da relação entre formação, atuação profissional e vida na profissão docente.

É preciso reiterar que a valoração da formação está ligada à relação entre ela e as outras esferas da vida, de forma que seja medida não somente pela avaliação das carreiras e do retorno material, mas também em termos de transformação de diversos contextos sociais. Assim, o interesse deste trabalho está centrado na avaliação, pela ótica da ontologia do ser social, do impacto da vivência de uma licenciatura, pois acredita-se que essa reflexão é muito importante para o dimensionamento do próprio processo formativo.

Muitos autores têm apontado problemas e possibilidades em relação à formação docente. Especialmente nas últimas décadas, muito se tem falado em uma “crise da docência”. Gatti (2017), por exemplo, está entre os autores relevantes em relação ao contexto brasileiro, pois tem apontado, sistematicamente, os desafios às formações em curso para responder às demandas da profissão na atualidade. O objetivo dessa pesquisa consiste em compreender essa conjuntura e refletir sobre a formação de professores.

REFERENCIAL TEÓRICO

As reflexões acerca das categorias formação e trabalho necessitam ser analisadas de maneira cuidadosa e sustentada à luz de uma base teórica que instigue a problematização da concretude das relações sociais vivenciadas na sociedade atual e na realidade brasileira. Nesse sentido e em consonância com Lukács, acredita-se que o trabalho dá lugar a uma dupla transformação, já que o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho: ele atua sobre a natureza modificando-a e, ao mesmo tempo, modifica sua natureza, desenvolvendo potências que nela se encontram latentes (LUKÁCS, 2012).

Marx corrobora apontando que o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, no qual ele, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com ela. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas e animais de trabalho, mas a pressuposição deste

como uma forma de pertencimento exclusiva ao gênero humano. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha, a de um arquiteto. Contudo, como nos lembra o autor, o que distingue, de antemão, o arquiteto da abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente (MARX, 1985).

Assim, considerando-se a relação homem-natureza, via trabalho, pondera-se que pelo trabalho o ser humano transforma-se em outro tipo de ser, diferente de outros seres existentes na natureza: o ser social. Diante disso, como categoria ontológica, o trabalho precisa ser apreendido a partir da sua função social, pois as necessidades de outros indivíduos fazem com que o trabalho apresente sua finalidade social.

Nenhuma das dimensões da vida social, como a Arte, a Religião, a Ciência, a Política, o Direito são sinônimas de trabalho, mas todas têm a sua origem nele, ou seja, têm em relação a ele uma “dependência ontológica”. O ser social, assim, é, na perspectiva de Lukács, um complexo de complexos, porém matizado pelo trabalho. Desse modo, fica evidente que esta categoria, antes de ser epistemológica é ontológica, isto é, constitutiva da própria natureza essencial do ser social (TONET, 2015).

Da constatação de que o trabalho é o ato ontológico-primário do ser social, segue-se, como consequência lógica, que este é radicalmente histórico e radicalmente social. Radicalmente histórico porque tudo o que compõe o ser social, inclusive a essência humana, é criado ao longo desse processo. Vale dizer, não há nenhuma parte que integre o ser social que seja de origem divina ou puramente natural. Radicalmente social porque tudo o que compõe o ser social é resultado da interatividade humana. Tudo é resultado da atividade social dos homens. Se levarmos em conta que, para as concepções grega e medieval, o mundo humano tinha um caráter a-histórico e não era visto com resultado da atividade dos próprios homens, ver-se-á a enorme importância dessa constatação marxiana (TONET, 2015, p. 2015).

A análise do trabalho como esse ato ontológico-primário do ser social permite perceber que ele é uma categoria que remete sempre para além de si mesmo e que possibilita a criação permanente do novo. Desse modo é próprio do ser social tornar-se cada vez mais complexo e universal.

No que tange ao trabalho docente, chama a atenção o fato de como os fenômenos sociais influenciam a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional, e como

isso vem causando uma crise de identidade que, muitas vezes, leva à autodepreciação pessoal e profissional.

Em consonância com os vieses teóricos apontados, tomou-se a categoria de trabalho como central e a teoria da ontologia do ser social, inspirada em Marx e Lukács, como um dos pilares do presente trabalho, o qual visa à análise da formação acadêmica de egressos de licenciatura. Por essa via,

para compreender, entender e apreender a vida, o mundo, partimos da vida e do mundo e não do conceito sobre a vida e sobre o mundo. O ato primeiro não se coloca no plano da ideia que temos, possuímos ou construímos sobre as coisas, mas do que são as coisas. Precisamos realizar uma análise interna dos objetos postos à investigação para elucidar sua determinação social, ou seja, seu *telos* e sua gênese (de SOUZA JUNIOR, 2015, p. 153-154).

A partir dessas ideias, não se pleiteia a regência do objeto nem a centralidade do sujeito nos processos de apropriação do real, e sim a condução da relação histórico-material da relação sujeito/objeto no processo de produção dos conhecimentos dos objetos (de SOUZA JUNIOR, 2015).

Nesse cenário, insere-se o universo educacional, em especial a formação docente, pois, como bem nos lembra Gatti (2017, p.722), as instituições educacionais são integrantes da sociedade “e, como tal, nelas se encontram os mesmos traços característicos das dinâmicas sociais, aí incluídas tensões e conflitos de uma dada conjuntura”. Segundo a autora, é preciso não só pensar mas também refletir sobre a formação de professores. Tal reflexão necessita considerar condições situacionais, bem como compreender as finalidades dessa formação, analisando os porquês e para quem ela é realizada, o que requer pensar nos seus compromissos éticos e sociais. Tendo tais considerações em mente, é preciso, segundo Gatti (2017), compreender o cenário da formação docente que se apresenta hoje na sociedade, relacionando a formação e o trabalho dos professores.

De acordo com Gatti (2017), estamos inseridos em contexto social matizado por atributos caracterizados pela competitividade e o individualismo, que remetem a sentimentos tanto de realização quanto de injustiça, edificados em conjunturas multiculturais, as quais englobam novas linguagens e exigências por justiça social e equidade educacional. Neste cenário o trabalho docente e dos agentes educacionais se estabelece, e a aprendizagem dos estudantes se elabora. Na realidade brasileira, experimentam-se modelos culturais e formativos consolidados desde o início do século XX; estes entram em conflito com as novas exigências

do trabalho educacional que se apresentam em função do atual contexto sociocultural muito diverso e diferente daquele de cem anos atrás.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida dentro da abordagem qualitativa e quantitativa e fez uso de questionário para a coleta de dados.

É importante evidenciar que a investigação foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Minas Gerais. Assim, após a aprovação pelo Comitê de Ética realizou-se o levantamento dos contatos dos egressos dos cursos de licenciatura envolvidos nesta pesquisa, ou seja, Pedagogia, Ciências Sociais, História, Ciências Biológicas, Educação Física, Letras, Matemática e Física, na modalidade presencial, que concluíram sua formação entre os anos de 2014 e 2019, pertencentes a quatro unidades da UEMG, localizadas em diferentes regiões e municípios do estado de Minas Gerais: Barbacena, Campanha, Ibitaré e Passos.

O inquérito foi composto por 26 questões e dividido em blocos distintos. O primeiro buscou identificar o perfil sociodemográfico e econômico, além de aspectos relacionados à formação e atuação profissional do egresso (idade, sexo, cidade em que reside, área de atuação antes da formação, dentre outros). O segundo, as principais motivações para a entrada na licenciatura e o grau de satisfação em relação a ela. Enquanto o terceiro averiguou qual a percepção dos egressos em relação a qualidade de vida e inserção no mercado de trabalho, após a conclusão da licenciatura.

Após a realização de pré-teste, concretizou-se a pesquisa de forma extensiva, via e-mail, através do Google Forms.

Os dados foram interpretados dentro de uma perspectiva hermenêutico-crítica para “discutir as questões em atitude reflexiva e não instrumental” (Habermas, 2010, p. 126).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram enviados 1895 questionários e mais de 25 mil e-mails a fim de atingir uma quantidade significativa de respostas. Deste número obteve-se o retorno de 715 questionários, o que corresponde a 38,26% do total de contatos válidos.

Perfil dos Egressos:

Tabela 1: Gênero

Unidades	Feminino	Masculino
----------	----------	-----------

Barbacena	89%	11%
Campanha	76%	24%
Ibirité	72%	28%
Passos	66%	24%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Tardif e Raymond (2000, p.221) comentam que a feminilização da docência pode estar associada a fatores como a influência familiar, a valorização da profissão no meio do qual elas estão inseridas como uma espécie de hábitus e mencionam “a ideia de ‘mentalidade de serviço’ peculiar a certas ocupações femininas.”

Prá e Cegatti (2016) alegam que a feminização do magistério, principalmente, no ensino básico não é um fenômeno novo. Segundo elas as revoluções burguesas intensificaram as denúncias feministas em relação as desigualdades de oportunidades entre os gêneros. Pleiteavam a extensão da cidadania feminina como, o direito à educação e à participação das mulheres na esfera pública. Tais reivindicações tiveram um importante papel na conquista das mulheres quanto a sua presença nos espaços públicos.

Devido a estas e outras circunstâncias históricas e culturalmente instituídas, pode-se associar a feminização no ensino com a desvalorização remuneratória do trabalho docente e, conseqüentemente, a pouca atratividade dos cursos de licenciatura que, quando comparada com outros cursos de maior prestígio social, como, por exemplo, os cursos de engenharia que são majoritariamente frequentados por homens.

Tabela 2: Cor/Raça

	Amarelo	Branco	Pardo	Preto
Barbacena	1%	59%	30%	10%
Campanha	3%	62%	19%	16%
Ibirité	2%	29%	52%	17%
Passos	3%	63%	18%	16%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Observa-se que apesar do relativo aumento ao acesso à formação superior vivenciado com a política de cotas, entre outras, ainda segue a tendência de discriminação, com exceção observada apenas em Ibirité. Segundo a Agência Nacional², a questão não muda quando se trata do mercado de trabalho. A título de exemplo, das 42 mil vagas de lideranças abertas por empresas privadas na segunda metade do ano de 2020, apenas 23,7% foram ocupados por

pretos. Considerando “que o trabalho é o ato ontológico-primário do ser social” (TONET, 2015, p. 2015), no que tange às licenciaturas, constata-se, pelos dados levantados, a mesma exclusão étnica encontrada em outras formações e trabalhos, ou seja, quando o tema é formação de professores e etnia, nota-se a mesma tendência nacional.

Principais motivações para a entrada na licenciatura e o grau de satisfação em relação a ela:

Considerando os apontamentos explicativos em relação as motivações para a entrada na licenciatura averiguou-se registros como : “ter outra opção caso não consiga exercer outra atividade” ; “por ser o único curso próximo a minha residência”; “ por influência dos outros professores que tive”, “ por influência da família”, “sempre quis ser professor”, sendo que o último foi apontado em menor número.

Nesse sentido, cabe-nos refletir sobre a escolha da profissão docente como sendo, muitas vezes, a “mais viável”, por motivos que perpassam desde o ingresso na Universidade até a inserção no mercado de trabalho. Rabelo (2010) expressa essa situação como uma opção pela docência por falta de oportunidade, na qual os licenciandos são movidos por motivações extrínsecas.

Olhando pelo viés histórico e sociológico, pode-se notar que as escolhas do curso de licenciatura estão mais associadas ao quão acessível é o curso, principalmente para o público feminino.

Tabela 3: Grau de satisfação em relação a licenciatura cursada

	Muito Satisfeito	Mais ou menos (S)	Neutro	Mais ou menos (I)	Muito Insatisfeito
Barbacena	58%	36%	4%	2%	X
Campanha	54%	27%	3%	11%	X
Ibirité	55%	33%	6%	6%	2%
Passos	29%	48%	16%	3%	4%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Com exceção de Passos, onde 48% dos egressos apontam estar mais ou menos satisfeitos, os egressos das demais Unidades declararam estar muito satisfeitos com a licenciatura cursada.

Interessante observar, coerente com Milaré e Weinert (2016) que embora o desejo de ser professor não seja o principal motivo da escolha pela licenciatura, uma vez ingressos, a carreira docente se torna uma possibilidade a ser considerada.

Infere-se sobre a posição fulcral que as instituições de ensino superior ocupam em sua atuação de formação docente, podendo, conforme apontado por Sá e Santos (2016), influenciar significativamente na constituição das identidades docentes dos licenciandos, seduzindo-os e estimulando-os para o ingresso na carreira docente. Destaca-se, assim, a grande responsabilidade social dos cursos de licenciatura das instituições públicas, especificamente, no que diz respeito à concretização de uma formação docente dentro de uma concepção crítica, assegurando os saberes profissionais do ofício docente, bem como o compromisso social e engajamento político, o que implica, necessariamente, no reconhecimento social e econômico da profissão docente.

Percepção dos egressos em relação à melhoria da qualidade de vida após a conclusão da graduação e inserção no mercado de trabalho:

Tabela 4: Trabalha na área educacional

	Prof.	Esp.	ONG	Empresa	Liberal	Outro	Não
Barbacena	33%	3%	1%	X	1%	22%	40%
Campanha	59%	X	X	3%	X	8%	30%
Ibirité	50%	1%	X	3%	2%	10%	33%
Passos	34%	4%	1%	X	2%	11%	48%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Possível empate técnico entre “Sim, sou professor” e “Não trabalho na área educacional”. Cabe aqui uma indagação relevante: “Por que um público significativo de licenciados não trabalha na área educacional?”

Tabela 5: A licenciatura contribuiu para sua entrada no mercado de trabalho

	Sim	Ainda não/outro curso	Em parte	Não
Barbacena	57%	4%	21%	18%
Campanha	59%	3%	27%	11%
Ibirité	65%	2%	17%	16%

Passos	43%	6%	29%	22%
---------------	-----	----	-----	-----

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

A maioria dos entrevistados declarou que o curso de licenciatura auxiliou de alguma forma sua inserção no mercado de trabalho.

Tabela 6: Satisfação quanto a remuneração na carreira do magistério

	Muito Satisfeito	Satisfeito	Pouco Satisfeito
Barbacena	4%	27%	69%
Campanha	5%	49%	46%
Ibirité	2%	31%	67%
Passos	2%	35%	63%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Cerqueira, da Silva Ferreira, Silva e da Costa (2020), citando Gatti, ressaltam as dificuldades que os professores enfrentam para dar seguimento a sua formação continuada, entre elas as de cunho financeiro e de disponibilidade, já que muitos deles precisam buscar outras atividades com o fito de complementar suas rendas. A autora destaca ainda que, muito além de apenas uma questão financeira, a relação entre remuneração e desempenho profissional está associada à autoestima, portanto, um fator intrínseco, que pode interferir nos resultados desse trabalho.

Segundo Barbosa (2012), a baixa remuneração na carreira docente também implica baixa atratividade para a profissão, abandono do magistério, redução do poder aquisitivo, sentimento de desânimo e insatisfação com a atividade e intensa jornada de trabalho. Em outras palavras, a baixa remuneração é impedimento para o professor (ontológico/social) realizar o seu trabalho (o que lhe torna realmente humano e social) e desenvolver seus potenciais latentes. Afinal, remuneração está ligada à qualidade de vida e identificação social.

Tabela 7: Melhora na qualidade de vida após a conclusão do curso

	Muita	Pouca	Nenhuma
Barbacena	64%	30%	6%
Campanha	70%	22%	8%

Ibirité	64%	31%	5%
Passos	45%	43%	12%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

Relevante apontar que a maioria dos entrevistados declarou melhora na qualidade de vida após ter concluído a licenciatura.

A ontologia do ser social entende como trabalho aquilo que diferencia o ser humano do animal, ou seja, uma realização, que em consonância com Lukács, vai muito além da luta pela sobrevivência. Sendo assim, embora o ser social não seja circunscrito ao trabalho (LESSA, 2015, p.33), ele “dá lugar a uma dupla transformação, já que o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho, pois ele atua sobre a natureza exterior modificando-a e, ao mesmo tempo, modifica sua natureza, desenvolvendo potências que nela se encontram latentes” (LUKÁCS, 2012, p. 286).

Pode-se inferir que o professor, ainda que inserido em uma sociedade capitalista, não está (ou não se sente) “alheio, isolado, estranho aos resultados ou produtos de sua própria atividade” (RANIERI e ESCURA, 2001, p. 9). Esse indício de “não alheamento”, de satisfações advindas não somente pela remuneração se insinua ao se observar que, apesar de 46% a 69% dos entrevistados estarem pouco satisfeitos com sua remuneração (Tabela 6), ou seja, “manutenção da existência física”, 45% a 70% declararam que, após terem concluído o curso, houve muita melhoria na sua qualidade de vida (Tabela 7). A atividade do trabalho compõe a vida do trabalhador e se imbrica fundamentalmente a ela no entrecruzamento de diversas outras dimensões. Desse modo, interpreta-se que a relação qualidade de vida/remuneração não está em relação direta, como se poderia supor, dado o modelo econômico vigente.

No entanto, outra forma de analisar tais dados é considerar a teleologia da carreira docente, ou seja, recai sobre os professores as mais nobres finalidades para uma profissão. São os formadores das novas gerações, os responsáveis pelo avanço de uma nação, os cuidadores de nossos filhos. Contudo, seriam essas realmente as metas reais da docência? Afinal, quais são as finalidades reais da docência na sociedade? Conforme Lessa, inspirando em Lukács,

o desenvolvimento de relações sociais cada vez mais intensas é a base necessária da produção de ontologias mais próximas ao real. Mas, se estas relações sociais se desenvolvem no sentido de submeter os homens a uma vida cotidiana cada vez mais desumana onde a exploração do homem pelo homem (...) surge como um “castigo” inevitável na existência de cada um – nessas circunstâncias poderemos



ter a gênese e o desenvolvimento de “ontologias fictícias” mesmo ali onde o desenvolvimento das forças produtivas e das ciências é um fato inquestionável (LESSA, 2015, p. 37).

Sendo assim, a carreira docente pode ser lida como uma “missão de vida”, que atende a busca humana de uma vida plena de sentido impactando na questão levantada pelo formulário de pesquisa. Ou seja, os entrevistados podem estar considerando “melhoria na qualidade de vida” o fato de ter suprido a busca de uma vida plena de sentido, uma “ontologia fictícia”. Nesse contexto, o ofício de professor está relacionado à ideia de sacerdócio e missão e não ao *status* de profissão, em que o sentimento de prazer e cumprimento de um dever moral, resultante do ato de ensinar ao próximo, acabaria, de algum modo, por compensar as adversidades encontradas no exercício do magistério, revelando certo grau de altruísmo para o ofício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permite inferir que a valoração da formação está ligada à relação entre ela e as outras esferas da vida, sendo necessária medi-la não somente pela avaliação das carreiras e do retorno material, mas também em termos de transformação das diversas esferas da vida social.

Compreende-se que não é possível conceber o ser social como um elemento descolado da materialidade da vida. No entanto, ao mesmo tempo, trata-se de um todo complexo, sempre em movimento, interligando as esferas espiritual, afetiva, histórica, política, econômica e social. Então a categoria trabalho objetiva a satisfação das necessidades humanas e, nesse sentido, caminha na direção da sua humanização. A análise também permite a percepção de que o trabalho remete sempre para além de si mesmo, possibilitando a criação permanente do novo e, nessa lógica, a clareza de que a formação docente é primeiramente ontológica e não epistemológica.

Infere-se, contudo, que urge uma política pública educacional que promova uma verdadeira e efetiva valorização da profissão docente, atraindo profissionais, mais em função de vislumbrar seguir uma carreira reconhecida e valorizada social e financeiramente do que em função de valores estritamente altruístas intrínsecos.

Apesar das discussões já levantadas a partir desta pesquisa, aponta-se para a necessidade de continuidade da mesma, pois muito ainda deve ser discutido, a considerar a amplitude deste campo de conhecimento e os muitos cruzamentos de dados possíveis.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros. *Revista Educação e Políticas em Debate*, 2(2), 384-408, 2012. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/21902/12112>. Acessado em 14 de abril de 2021.
- CERQUEIRA, L. S., da SILVA FERREIRA, G., SILVA, B. H. P., & da COSTA, T. L. Carreira, formação continuada e satisfação profissional: reflexões sobre a alteração do plano de carreira do magistério municipal de Novo Hamburgo/RS (2009-2011). *Revista Formadores*, 13(1), 16-16, 2020.
- GATTI, B. A. Didática e formação de professores: provocações. *Cadernos de pesquisa*, 47, 1150-1164, 2017.
- GATTI, B. A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. *Revista Diálogo Educacional*, 17(53), 721-737, 2017.
- HABERMAS, J. *Teoria da ação comunicativa*. Madrid: Trotta, 2010.
- LESSA, S. *Para compreender a ontologia de Lukács*. Unijuí, 2015.
- LUKÀCS, G. Para uma ontologia do ser social I. Trad. *Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, K. O capital: crítica da economia política. vol. I, tomo II. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril cultural, 1985.
- MILARÉ, T.; WEINERT, P. L.; *Quim. Nova*, 39, 522, 2016.
- RANIERI, J., & ESCURA, A. C. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo., 2001.
- RABELO, A. O. *Revista Lusófona de Educação*, 15, 163, 2010.
- SÁ, C. S. S.; SANTOS, W. L. P.; *Quim. Nova*, 39, 104, 2016
- SOUZA JUNIOR, H. P. As Origens da Ontologia do ser social: a questão do método /Origins of the ontology of social being: the question of the method. *Trabalho & Educação*, 24(1), 143-155, 2015, 2015.
- TARDIF, M., & RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & sociedade*, 21, 209-244, 2000.
- TONET, I. Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana. *Serviço Social & Sociedade*, (116), 725-742, 2013.
- TONET, I. Educação e ontologia marxiana /Education and ontology of the social being. *Trabalho & Educação*, 24(1), 201-213, 2015.